

Osman Lins, mais atual. Dez anos depois.

Para ele, o País vivia à deriva. Ficcionista, dramaturgo, ensaísta, deixou obra monumental. E o

exemplo de dignidade como artista. Um homem de seu e de todos os tempos. Comparado a Machado de Assis e Guimarães Rosa, sua obra cresce, como a dos clássicos. Aqui, uma síntese da vida e obra de Osman Lins, na estrutura do célebre "Retábulo de Santa Joana Carolina".

E um texto inédito dele.

Por HUGO ALMEIDA

Primeiro mistério

Eu morri?", brincou Osman Lins com sua mulher, Julieta de Godoy Ladeira, diante de uma página de jornal toda sobre Do Ideal e da Glória — Problemas Inculturais Brasileiros, seu livro recém-lançado. Aquele 1977 era um ano de muita alegria e atividade para o escritor pernambucano, cidadão do mundo, reconhecido no País e já traduzido. Somente naquele ano, somou aos seus 13 livros outros três, teve uma nova peça encenada — Romance dos Dois Soldados de Herodes — e iniciava o quinto romance, A Cabeça Levada em Triunfo, que um ano depois deixaria inacabado.

Segundo mistério

"A casa. Com árvore e o sol, o primeiro e o mais frequente desenho das crianças. É onde ficam a mesa, a cama e o fogão. As paredes externas e o teto nos resguardam para que não nos dissolvamos na vastidão da Terra; e as paredes internas, ao passo que facultam o isolamento, estabelecem ritos, definidas relações entre lugar e ato, demarcando a sala para as refeições e evitando que engendremos os filhos sobre a toalha do almoço. Através das portas, temos acesso ao resto do Universo e dele regressamos; através das janelas, o contemplamos." (De "Re-



Uma das ilustrações de Marianne Jolowicz, tradutora de Osman Lins para o alemão, feitas para o "Retábulo de Santa Joana Carolina"

tabúlo de Santa Joana Carolina", de Nove, Novena).

Terceiro mistério

Vitória de Santo Antônio, Pernambuco, 5 de julho de 1924. Filho de um alfaiate de nome grego, Teófanes, e de uma mulher que jamais viria conhecer, Maria da Paz, nasceu Osman da Costa Lins, órfão aos 16 dias. "Morreu aquela garota para que eu nascesse. Não podia fazer minha vida uma trouxa, um papel servido, jogá-la por aí. Nunca vi um retrato seu." A busca de um rosto mar-

cou sua obra. Em O Fiel e a Pedra (1961), registra a falta da imagem materna. A foto é procurada em "Perdidos e Achados", de Nove, Novena (1966). A criança ganhou duas novas mães: a avó Joana Carolina ("mãe Noca") e a tia Laura ("mãe", apenas), eternizadas no cérebre "Retábulo" e em O Fiel..., como Teresa. Infância sem irmãos. Poucos livros.

Quarto mistério

Duas figuras masculinas de sua formação: o marido de Laura, Antônio Figueiredo

"foi meu primeiro livro") — Bernardo de Oiel... —, que lhe contava aventuras colhidas "nas asas de uma viagem", e o professor José de Aragão Bezerra Cavalcanti, seu orientador desde o primário. Aos 16 anos, vai estudar em Recife. Na maleta, seus dois primeiros contos, o primeiro pincel de barba: um ovo de madeira para cerzir as meias uradas. Trinta e dois anos depois, em fevereiro de 1973, já residindo em São Paulo, volta a quarta viagem à Europa. Na bagagem, um pássaro imaginário em forma de romance — *Avalovara*. Voltaria com três contratos de tradução: França, Espanha e Itália.

Quinto mistério

Recife, datilógrafo do ginásio, primeiros contos na imprensa ("Menino Mau" e "Fantasmas..."), novo incentivador, Mauro Moia, seu "anjo da guarda literário". Tiro de Guerra, trabalho, estudos. Um ano sem esver. Ainda menor, passa no concurso do Banco do Brasil ("Uma estroenga", diria mais tarde). O pai assina a posse do rapaz no BB e, orgulhoso, guarda a caneta. Ao assinar a última vez o ponto no banco, em 1970, Osman Lins, aliviado, feliz, beija a caneta (leia "Registro" nesta página). Duas alegrias postas e 27 anos unem os gestos de Teófanes e do filho.

Sexto mistério

Ciências Econômicas e Dramaturgia: 944. Em 47, o primeiro casamento, com Maria do Carmo. Três filhas: Litânia, Letícia e Ângela. O primeiro romance — *Noite Profunda* —, jamais publicado. "Podia não prescar, mas era uma vitória árdua." Trabalha num volume de contos, um deles vira o romance *O Visitante*. Inédito, ganha o Prêmio Fábio Prado em 1954. "Neste romance Osman Lins nos dá a medida de um autêntico criador", escreve José Lins do Rego. Primeira viagem a São Paulo, contato com escritores. Em 56, ganha o Prêmio Monteiro Lobato, com *Os Gestos* (contos), inédito, editado em 57 pela José Olympio, que lançara *O Visitante*. Durante cinco anos escreve sua primeira obra-prima, *O Fiel e a Pedra*, e a peça *Lisbela e o Prisioneiro*. Bolsista da Aliança Francesa, em 1961 cruza o Atlântico no navio Manga para descobrir a Europa. O romance é publicado na sua ausência e a peça encenada no Rio. Prêmios e prêmios.

Sétimo mistério

A Europa, para Osman Lins, não é puro turismo. Cumpre rigoroso programa de estudo, visita museus, igrejas (o fascínio pelos vitrais), conversa com alguns dos novos romancistas, como Michel Butor e Robbe-Grillet. Tempo de solidão, a família no Brasil. Na volta, escreve *Marinheiro de Primeira Viagem* (Civilização Brasileira, 1963). Muita volta para São Paulo em 62. Menos de dois anos depois, mulher e filhas voltam para Recife. Desquitado, Osman escreve peças e *Nove, Novena*. Em outubro de 64, sob o equilíbrio de Libra, casa-se com a escritora Julieta de Godoy Ladeira, de quem recebe "uma influência das mais benéficas", fase feliz e produtiva do escritor. Seu plano: "A

criação de uma obra literária que, na sua totalidade, transmita uma visão singular e intensa do universo e seja, ao mesmo tempo, a história viva da conquista dessa visão".

Oitavo mistério

Nos anos 60, a maturidade e a reafirmação da fé na arte de escrever. "Os tempos são maus? Mais um motivo para fincarmos pé, abrirmos caminho rumo ao mundo e aos nossos semelhantes" (*Guerra sem Testemunhas*, 1969). A década de 70 começava promissora. Traduções e traduções. Artigos para a imprensa. Livre do banco, o autor dá aulas em Marília e escreve *Avalovara*, seu romance mais arrojado. "Custou-me o sangue e os ossos, mas foram três anos exaltantes." Lança *A Rainha dos Cárceres da Grécia* em 76. Em 77, extrai um pequeno tumor não maligno. (Em 74, extraí uma verruga, não examinada.) Escreve sua parte de *La Paz Existe?*, sobre a viagem ao Peru e Bolívia com Julieta, co-autora do livro. Especiais para a TV. Em *Marcha Fúnebre*, é premonitório: "Quero um lugar permanente, na terra que amei e onde passei uma jornada tão breve que, quando pensei que o dia começava, a noite já descia..." Janeiro de 78: caroço sob o braço esquerdo — metástase de câncer (melanoma). Recupera-se. Volta a ser operado, a doença avança, atinge o fígado. Em abril, publica o conto *Domingo de Páscoa* na revista *Status*: "Sinto-me inquieto e assustado devido à viagem iminente". No início de junho, abatido, pede a Julieta que tire uma foto sua. Na madrugada de 21 de junho, é internado no Hospital Albert Einstein. Ao sair de casa, a empregada Antônia Siqueira passa a mão em sua cabeça e diz: "O senhor ainda vai voltar, seu Osman". Morre em 8-78, três dias após completar 54 anos.

Nono mistério

Rigoroso com o texto, disciplinado, original, Osman Lins consagrhou o melhor de suas energias à Literatura, como dizia. Em sua última entrevista, afirmou: "A crítica amplia a obra literária. A *Divina Comédia*, hoje, é o poema de Dante e tudo o que se escreveu sobre ele. Um grande texto, assim, é algo que não cessa de crescer". Quatro livros recentes, com abordagens diversas, vêm ampliar a obra osmaniana. Em Osman Lins — *uma Biografia Literária* (T.A. Queiroz/INL), Regina Igel traça minucioso painel da vida e obra do escritor (há fotos inéditas), além de desenvolver lúcido e enriquecedor estudo sobre *Avalovara*. Sandra Nitrini optou, em *Poéticas em Confronto* (Hucitec/INL), pela comparação entre *Nove, Novena* e *Novo Romance*. Em trabalho profundo, conclui que Osman Lins — "primitivista, idealista, platônico, barroco, moderno e romântico" — vai além dos franceses. Osman Lins: *Crítica e Criação* (Hucitec), de Ana Luiza Andrade, aborda toda sua obra a partir de *Guerra sem Testemunhas*, "obra-chave" em que o romancista apresenta sua "ideologia poética". Três livros valiosos para o leitor de Osman Lins. O quarto volume é uma pequena antologia, *Osman Lins (Agir)*, organizada por Telênia Hill, que comenta os textos

à luz da "palavra viva do autor" — *Evangelho na Taba* (Summus Editorial, 1979). É o volume 116 da coleção "Nossos Clássicos".

Décimo mistério

"A ausência de sentido que marca de um extremo a outro o Brasil pode ser observada nas iniciativas do governo. Quando menos se espera, o homem que por obra do acaso está na Presidência da República tira um programa da cartola: marcha para o Oeste, acabar com as formigas, extraí petróleo, construir Brasília. Essas coisas, claro, têm a sua importância, não sou eu que vou negar. Mas não constituem — como posso dizer? — um fim significativo. Sobretudo, não se coordenam com nada. O país, de Norte a Sul, vive à deriva." (De *Avalovara*)

Décimo-primeiro mistério

"Mas como entender, silenciosa amiga, que a mente restrita do artesão venha a conceber e terminar um produto cuja magnitude nos suplanta? É a obra e não ele, circunscrito como nós, que sabe mais do que todos. Apenas, o criador torna-se permeável ao mundo e a seus mistérios, sem os compreender e sem os nomear. O artista: urna de ar. Duro ofício, este a que se obriga, com instrumentos cujo fio o bom e o mau uso quase sempre embotaram, de representar o que ele próprio ignora e nem a ele revela o que significa! Tinir de espadas." (De *A Rainha dos Cárceres da Grécia*)

Mistério final

"Quando entramos no cemitério, um bem-te-vi cantou", recorda Julieta. Osman Lins morreu num sábado à tarde, foi velado na Biblioteca Mário de Andrade e enterrado numa manhã cinzenta e fria de segunda-feira. "Cinza como os tons do enterro no Retábulo." Nas aleias do Araçá, caminharam lentos atrás do caixão centenas de amigos e admiradores do escritor. Ricardo e Lygia, Raduan e Massuad, José e Jubens, Nilo e Hamilton, Wladir e Marcos, Nelly e Gilberto, Maria e Júlia, Fábio e Antônio, Francisco e Raul, Décio e Pedro, Israel e Plínio. Parentes, ex-colegas do BB, ex-alunos de Marília. O autor de *Guerra sem Testemunhas* repousa em jazigo perpétuo no lote 5 da quadra 32 do cemitério do Araçá. Diante dele, uma árvore jovem estendeu em curva um de seus galhos mais densos para lhe dar sombra. O túmulo é feito de pedra talhada, simples mas artístico, belo e harmonioso como sua obra. O epítápio, impossível melhor: *Sator arepo tenent opera rotas, o palíndromo latino sobre o qual teceu Avalovara*. "O criador mantém cuidadosamente o mundo em sua órbita", na acepção do poeta José Paulo Paes. A data, por força do destino, também faz o jogo bem ao gosto de Osman Lins: 78-87.

Registro

Ontem, 10-9-1970, foi um dia importante para mim. Creio ter sido a última vez em que "assinei ponto" no Banco do Brasil. Deverei voltar ainda lá para resolver problemas de ordem burocrática relativos a licenciamento, férias e aposentadoria. Mas, segundo tudo indica, não mais ocuparei aquelas carteiras para trabalhar.

Quero registrar os insignificantes episódios desse dia. Cheguei um pouco atrasado, como sempre. O "ponto" estava fechado na gaveta do meu atual chefe, José Ferreira da Cruz, que sempre fez questão de não parecer chefe em relação a mim. Praticamente, nada exigiu de mim durante os meses em que estive oficialmente sob suas ordens, na Biblioteca. Fui para a Biblioteca e a primeira coisa que fiz foi ver se nas minhas gavetas ainda havia algum papel ou objeto meu. Não havia, eu já os retirara todos. Dei uns telefonemas. Encontrei no corredor com o Cruz, que me levou para assinar o ponto. Comecei a dar voltas no ar com a caneta, desde o meio da sala, chamando a atenção dos colegas. Perguntei-lhes se não desejavam assistir um homem assinar o ponto pela última vez. Quase todos, rindo, levantaram-se e cercaram-me enquanto eu assinava. Em vez de assinar Osman Lins, como sempre faço, assinei Osman da Costa Fim. Fim, em lugar de Lins. Todos bateram palmas e abraçaram-me. Rindo com eles, dei um beijo na caneta.

Eu ia ao banheiro, mas não fui, porque desde a véspera o Banco estava sem água, embora desde a véspera estivesse chovendo bastante, contraste que sempre irrita quando falta água nas torneiras. O telefone tocou. O colega Modesto Meireles me chamava para ir à Gerência imediatamente. Fui. Ele levou-me à sala do Gerente e mostrou-me a última novidade: uma fotografia do atual presidente da República (NR: general Garrastazu Medici), entronizada, não obstante disposição regulamentar, que proíbe a afixação de fotografias no recinto das Agências. A fotografia, por sinal, fora enviada pelo presidente do Banco (NR: Nestor Jost) com recomendação expressa de pregá-la na parede da Gerência. Certamente para que todos que vêm pedir empréstimo lembrem-se de que, se forem maus meninos, nada obtêrão. E de que o capitalismo tem naquela pessoa o seu orago. Na Gerência, conversei um pouco e despedi-me dos colegas a quem conheço e que lá estavam. Meireles, Lanceotti, Bruno, Sérgio, Lopes, Rodrigues Alves, Capelletto, Adalberto, Naleto, Chico (que fez transplante de cabelo), Rubens, Milani, Wilon, Schmidt, Scatena, Mozart, um lourinho cujo nome ignoro e que trabalha 8 horas sem intervalo, saindo do Banco para ir trabalhar noutra atividade, creio que só. Encontrei o Sr. Leite Ribeiro, que me disse estar com o filho preso. O filho e Heleny, que foi nossa vizinha na Consolação e que, havendo-se separado do marido, estava vivendo com o rapaz. Falei ainda com Reynaldo e com Newton. Não falei, felizmente, com nenhum dos gerentes, pois todos estavam fora, menos o Sr. Polakow, a quem mal conheço e que não cumprimentei.

Voltei ao 10º e pouco depois saí outra vez. Embora estivesse chovendo um pouco, fui fazer algumas compras. Camisetas, tecido para um pijama. Entrei numa casa de discos. Quando estou lá, falta a luz. Eram apenas 3 e meia. Mas a chuva engrossara e ficou escuro como se fosse noite fechada. Fiquei um pouco à porta. Acenderam-se velas. Voltei e comprei um disco de música popu-

lar, que estava em oferta, para tocá-lo à noite, enquanto jantássemos. Voltei para o Banco na chuva, embora supondo que iria custar a subir, devido à falta de luz. Metade das pessoas sem guarda-chuva, algumas correndo, outras andando como se fosse normal caminhar debaixo de água. No quarteirão do Banco havia luz e eu subi.

Dei alguns telefonemas. Em seguida, despedi-me do pessoal do 10º. Douglas, Waldemar, Angelo, um tipo cujo nome ignoro e que telegrafou ao presidente da República, parabenizando-o pelo decreto da censura prévia. Nadir, Natal, dr. Rivaldo, Quintão, dr. Renato, dr. Batista encontrei no corredor. E o Cruz, que me contou os problemas financeiros que enfrentava no momento, ocasionados por um funcionário cuja esposa, pouco antes, estava lá em conferência com ele. Voltei à Biblioteca, apanhei minhas coisas e despedi-me de José Oswaldo. Cruz levou-me até a porta por onde se vai ao 9º andar e onde é mais fácil apanhar o elevador. (Ainda na sua seção, convidara-me a um café pequeno, que aceitei. Mas nenhum de nós tomou o café, pois estava péssimo.) Desci a escada, apanhei o elevador que fica junto à secretaria do Serviço Médico (onde falei com o dr. Jair) e desci. O ascensorista é um pretinho, de bons modos, com dente de ouro. No balcão da portaria, estava um velho continuo de cabeça branca. Parei um instante na porta, olhando o saguão, os funcionários e funcionárias atarefados, entregues a seus desinteressantes afazeres. Uma jovem tinha uma ficha contra o peito.

Sai. A chuva havia passado. Perambulei pelo edifício Martinelli, por causa do romance (NR: Avalovara) que estou escrevendo e do qual uma parte se passa ali. Vi e observei de perto a decadência do prédio e não pude deixar de pensar que o interior de um bancário se parece um pouco ao interior do Martinelli: embolorado, sem sol e em ruínas.

Enquanto esperava um elevador para subir, na esperança de olhar o exterior de uma janela (o que não consegui), olhei por uma porta um escritório que parece ser instalado no edifício e que não tinha aspecto de ruina, como, aliás, não têm as lojas que ficam no térreo desse monstro. Pela porta, vi, lado a lado, uma jovem com mechas platinadas no cabelo e um velho. O velho, de boina, não era muito diferente do que, em meu livro, mora no prédio. Branco, boina à cabeça, de óculos, quase não tinha pestanas, estava de paletó e batia qualquer coisa à máquina. Um datilógrafo de setenta anos. Vi, no velho, o que poderia ter sido o meu destino, o que se tornava ainda mais contundente em vista do contraste com a bonita jovem que trabalhava a seu lado.

Havendo discutido com os dois velhos ascensoristas, outros dois destroços humanos, os quais não quiseram levar-me ao 3º andar, "pois eu não era aleijado", subi uma escada e, com surpresa, saí novamente no mesmo corredor onde pouco antes estivera e que fica no nível da rua S. Bento.

Ganhei a rua, dei uma olhada de baixo o edifício do B.B., símbolo de uma organização potente e gigantesca — que, em mais de 27 anos, não conseguira absorver-me ou esmagar-me entre seus dentes —, desci a rua, apanhei um táxi e fui embora. Perto de casa, saltei, entrei numa mercearia e comprei uma garrafinha de vinho para tomá-lo no jantar, à noite, com J., comemorando o fim da minha servidão.

S. Paulo, 11 de setembro de 1970.

Birau Lins